

1.2 - NOVAS FORMAS DISCURSIVAS

Sotaques Jornalísticos

- (4) CHAPARRO, Manuel Carlos da Conceição.
*Sotaques d' aquém e d' além mar:
percursos e gêneros do jornalismo
português e brasileiro.*
Lisboa: Edições Jortejo., 2000.

Analisamos também os estudos do professor e jornalista Manuel Carlos da Conceição Chaparro, trazendo novas observações norteadoras na discussão dos gêneros jornalísticos brasileiros. Em sua obra *Sotaques d' aquém e d' além mar* (4) o pesquisador conceitua e consolida uma nova proposta classificatória para os gêneros jornalísticos, entendidos como formas discursivas de conceitos práticos. Refuta a clássica herança anglo-saxônica da divisão do discurso jornalístico em *informação* e *opinião*. Sustenta sua argumentação ao comparar as formas discursivas no jornalismo diário do Brasil e de Portugal durante os anos de 1945 a 1995.

Chaparro observa que há quase três séculos que os estudos que organizam e explicam academicamente o discurso jornalístico foram pautados no tradicional conceito de origem anglo-saxônica, que divide o jornalismo em gêneros de informação e gêneros de opinião. Ao se estudar a questão dos gêneros jornalísticos, o pesquisador demonstra que o jornalismo não é dividido em *informação* e *opinião*, mas construído com *informação* e *opinião*. Em sua análise questiona os fundamentos teóricos que pautaram esses conceitos, e ao percorrer as classificações de autores nacionais e internacionais, conclui que não é pertinente explicar e entender a ação discursiva do jornalismo baseado nessa classificação tradicional. Entende que o limiar que distingue opinião e informação fica destruído já na avaliação do material jornalístico a ser editado, sendo influenciado pela intervenção dos vários sujeitos envolvidos no processo de difusão, tanto no *relato* quanto no *comentário* da informação.

Inspirado nos estudos de Teun Van Dijk sobre esquemas, Chaparro enquadra os gêneros jornalísticos em dois esquemas:

Esquema Narrativo | construído com o relato dos acontecimentos

Esquema Argumentativo | construído com o comentário dos acontecimentos

No seu entender, esta divisão entre as classes de textos não se equivale à comparação “informação versus opinião”, pois informações e opiniões estão sempre presentes em todos os gêneros jornalísticos. Acrescenta que normalmente é colocado pelo jornalista o aspecto de que até a notícia dita objetiva, ao ser construído com informações diretas, resulta de seleções e exclusões influenciadas pela opinião do jornalista ou do editor.

As análises e interpretações contidas no estudo do prof. Chaparro redirecionam a antiga discussão dos gêneros jornalísticos para novas formas de expressão que estão constantemente surgindo ou em mudança e que fogem ao controle rígido do jornalista e da própria atividade jornalística.

Assim, os gêneros devem ser encarados como formas de discurso, deslocando a discussão para o campo das Ciências da Linguagem. Essa proposição teórica foi comprovada, na prática, na investigação empreendida por Chaparro, que resultou numa classificação que identifica os textos jornalísticos em dois únicos gêneros:

Formas de Relato

Formas de Comentário

Chaparro ao argumentar seus estudos frisa que na classificação elaborada por José M. Melo (comumente adotada pelas Escolas de Comunicação) são definidos quatro *gêneros informativos* (nota, notícia, reportagem e entrevista). E que estes possuem uma característica em comum:

“A *nota* corresponde ao **relato** de acontecimentos que estão em processo de configuração. A *notícia* é o **relato** integral de um fato que já eclodiu no organismo social. A *reportagem* é o **relato** ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística. A *entrevista* é o **relato** que privilegia um ou mais protagonistas do acontecer, possibilitando-lhes um contato direto com a coletividade”. (MELO, 1994, p 65) (*grifo nosso*)

Apresentados desta maneira, Chaparro demonstra que, como *gênero* é a semelhança que permanece nas espécies, temos aí configurada então a possibilidade de aplicação da definição segundo a qual “gênero é a parte da essência comum entre espécies diferentes”. Como os quatro gêneros apresentados por Melo (nota, notícia, reportagem e entrevista) têm o relato como essência comum, então é o relato a semelhança que agrupa as quatro espécies. Ou seja: relato é o gênero.

Desta análise, Chaparro propõe em sua grade classificatória apenas dois gêneros por onde se constrói o discurso jornalístico: *Relato e Comentário*. Mais adiante será apresentada uma grade classificatória, para visualizar a proposta lançada pelo Prof. Chaparro,

Paradigmas Históricos

Para argumentar sobre as atuais referências que separam os textos jornalísticos em *informação* e *opinião*, Chaparro remonta aos primórdios do empreendimento jornalístico, ainda no início do século XVIII:

Em 11 de Maio de 1702, o jornal inglês *The Daily Courant* veio ao mundo para ser o primeiro diário de natureza política, na Europa. A importância do *Courant*, porém, vai além das datas: ganhou fama e lugar na história da imprensa por causa de uma inovação criada por Samuel Buckley, seu diretor.
(...)
Face à crise financeira que ameaçou o *Courant* logo nos seus primeiros tempos de existência, Elizabeth Mallet, fundadora do diário, chamou Buckley e confiou-lhe a missão de salvar o jornal. (...) O novo diretor criou uma estratégia e um estilo que influenciaram todo o jornalismo mundial: separou as notícias dos artigos (...) para não “contaminar” as informações, porque “os leitores são capazes de refletir por eles próprios”. (CHAPARRO, 1998, p. 97)

A linha jornalística implantada pelo *Daily Courant* foi culturalmente revolucionária, ao privilegiar a informação sem juízos de valor opinativo (*news*), separando-as dos artigos imbuídos de valores opinativos (*comments*). Estava criado o mito anglo-saxônico da objetividade jornalística.

Desaparecido em 1735, o modelo criado pelo *Daily Courant* resistiu ao tempo. A experiência editorial de Buckley criou o paradigma que sobrevive até os dias atuais de que o jornalismo é dividido em *Opinião* e *Informação*. *Estando* consolidado o paradigma, este permaneceu como valor definitivo, gerando conceitos ilusórios.

O paradigma opinião/informação tem condicionado e balizado há décadas a discussão sobre gêneros jornalísticos, impondo-se como critério classificatório e modelo de análise para a maioria dos autores que tratam do assunto. (...) Trata-se de um falso paradigma, porque o jornalismo não se divide, mas constrói-se com *informações* e *opiniões*. Além de falso, está enrugado pela velhice de três séculos. (CHAPARRO, 1998, p. 100).

A opinião enfática de Chaparro é determinante por considerar que o discurso jornalístico modificou-se ao longo dos últimos 3 séculos, e conseqüentemente a forma de se apresentar ao público.

Depois da experiência inovadora do *Daily Courant*, no início do século XVIII, as interações humanas e as várias revoluções (cultural, política e tecnológica) mudaram a sociedade, impondo adequações no fazer jornalístico. Ao mesmo tempo, o jornalismo no mundo se expandiu e entrou no ciclo da informação (telefone, telégrafo, rádio, fotografia, cinema, TV ...)

Dois fatores foram decisivos para definir os rumos da difusão do jornalismo no mundo ocidental:

- 1- Os avanços das tecnologias de comunicação à distância, consolidando as agências noticiosas.
- 2- O revolucionário desenvolvimento da indústria gráfica.

Influenciado por essa evolução, o jornalismo deixou de se expressar apenas por notícias e comentários.

Nos últimos cem anos, a *reportagem*, por exemplo, tornou-se a forma discursiva predominante em jornais e revistas. 'A maioria do que se publica num jornal é reportagem' (...). Além disso, surgiram e desenvolveram-se a *entrevista* e o *fotojornalismo*, técnicas de relato cuja eficácia, tal como acontece na reportagem, está na aptidão de associar os fatos às idéias, os dados às emoções, os acontecimentos à reflexão, os sintomas ao diagnóstico, a observação à explicação, o pressuposto à observação.

O próprio desenvolvimento da *diagramação* e da *infografia*, com a utilização dos modernos recursos eletrônicos de edição gráfica, cria e amplia campos de relação interativa, dialética, entre a *informação* e a *opinião*. E disso resultam ganhos significativos para a apreensão e/ou a atribuição de significados na realidade, entendida, na sua totalidade, como sinônimo de mundo, espaço do que existe e acontece e do que falta e não acontece. (CHAPARRO, 1998, p. 100)

Evidencia-se ainda nas formas discursivas do jornalismo o aspecto da batalha da conquista do leitor, enriquecidas cada vez mais pelas tecnologias eletrônicas de edição gráfica.

Em sua argumentação, Chaparro expressa que "não há como ajustar as formas discursivas do jornalismo ao critério que divide os textos em *informativos* e *opinativos*". Considera ele que esta análise pertence a universos diferentes, isto é: a divisão dos textos em *artigo*, *notícia*, *reportagem*, *entrevista*, *crônica*, *etc...* é resultado da diversidade das estruturas externas, identificadas somente como *formas*, e não como *gêneros*. As propriedades *informativas* e *opinativas* das mensagens são como substâncias pertencentes à ação jornalística, quer se *relate* ou se *comente* o fato. Enquanto que os *gêneros* são as estruturas externas; isto é, as *formas* discursivas da informação.

Chaparro rebate os conceitos de José M. Melo quando este menciona que, na categoria dos que reproduzem o real (próprio dos gêneros informativos) a diferença entre *Nota*, *Notícia* e *Reportagem* está na progressão dos acontecimentos. Se assim for considerado, passa a ser introduzido no elenco das razões um novo critério, o da temporalidade.

A quantidade de gêneros da grade classificatória (*utilizada por José Marques de Melo*) torna inevitável a similaridade entre vários deles. Em alguns casos, as semelhanças são bem mais bem acentuadas do que as diferenças, o que, no mínimo, não se harmoniza com o entendimento predominante (...) da questão dos gêneros: eles definem-se pelas diferenças formais entre si. Talvez por isso, quando caracteriza os gêneros incluídos na sua proposta, o autor recorre a critérios que nada têm a ver com a forma dos textos. (CHAPARRO, 1998, p. 108).

Acrescentamos outros critérios que não têm nada a ver com a forma dos textos, e que são recorrentes: temporalidade, autoria, e angulação. Assim, as investigações realizadas por Chaparro sobre a evolução dos gêneros jornalísticos na imprensa produziram...

(...) a evidência de que os conceitos *opinião* e *informação* perderam eficácia (se é que alguma vez a tiveram) como critérios para categorizar gêneros jornalísticos. (*A pesquisa de Chaparro*) demonstrou que o *relato* jornalístico acolhe cada vez mais a elucidação *opinativa*, e que o *comentário* da atualidade exige cada vez mais a sustentação de *informações* qualificadas. Surgiu daí a convicção de que seriam necessárias novas buscas, teóricas e de observação, para um novo entendimento da questão dos gêneros jornalísticos.

(...)

A leitura sistemática de textos narrativos e argumentativos indica que o jornalismo não se divide em “Opinião” e “Informação”. É preciso, portanto, pensar a questão dos gêneros jornalísticos por outra perspectiva. (CHAPARRO, 2000, p. 94 e 110)

Espécies Gráfico-Artísticas

Quando Samuel Buckley, no *Daily Courant*, decidiu separar as notícias (*news*) dos comentários (*comments*) não pretendeu criar qualquer limite divisório entre *informação* e *opinião*. O que pretendeu foi separar dois tipos de textos, um com *estrutura formal narrativa* e outro com *estrutura formal argumentativa*. Porém, nas intenções e nos conteúdos, lá estavam contempladas a *informação* e a *opinião*, substâncias que permanecem interagindo, conservando-se como linguagem asseveradora.

No “policiamento” da opinião, que os crentes da objetividade fazem, é claramente identificável um viés moralista, como se a opinião, só por si, tornasse suspeita a informação. E a questão não é moral nem ética, mas técnica: para o relato dos acontecimentos, a narração é mais eficaz. Ao relatar-se, conta-se uma história, com suas complicações e seus sucessos, mas os juízos de valor estão lá, *implícitos*, nas intencionalidades das estratégias autorais, e *explícitos*, nas falas (escolhidas) dos personagens, às vezes até nos títulos.

Há que dar início a uma nova discussão sobre a teoria dos gêneros jornalísticos, ancorando-a nas ciências da linguagem. Porque *gêneros* são formas de discurso. Na visão pragmática, *formas de dizer, para fazer* – o que explica, no jornalismo, a importância da eficácia. (CHAPARRO, 1998, p. 113-114)

Conclui-se então que o relato jornalístico ao fazer parte dos acontecimentos, é capaz de alterar o estado das coisas, potencializando efeitos transformadores na sociedade.

Como vimos, o professor Chaparro ao inspirar-se nas referências esquemáticas de Teun A. Van Dijk propõe dois tipos de esquemas para o discurso jornalístico:

[Esquemas da Narração](#), para o relato dos acontecimentos;

[Esquemas da Argumentação](#), para o comentário dos acontecimentos.

Em menor volume de participação na edição jornalística, Chaparro propõe um terceiro e um quarto esquema, além dos esquemas *narrativo* e *argumentativo*. Identifica formas que se adequam ao *Esquema Prático*, como por exemplo, a previsão do tempo, os índices financeiros, os horários de transportes, as programações de espetáculos, etc... E aprofunda sua classificação esquemática ao inserir uma quarta categoria denominada *Esquema Gráfico-Artístico*. A inserção desse quarto esquema traz novos critérios para reconhecer e contemplar modalidades não-verbais que já participam intensamente do discurso jornalístico sem, no entanto, serem reconhecidas como pertencentes ao universo dos gêneros jornalísticos, como as fotos e as ilustrações.

Assim, essa nova proposta classificatória abre a possibilidade da inserção das 5 manifestações de Humor Gráfico como formas já participantes do discurso jornalístico. Nesse campo estarão incluídas as Caricaturas, as Charges, os Cartuns, os Quadrinhos e uma modalidade que vem se distinguindo junto com as demais: o Desenho de Humor.

Resumindo e visualizando a classificação do Prof. Chaparro, temos:

Para o gênero RELATO correspondem

[Espécies Narrativas](#)
[Espécies Práticas.](#)

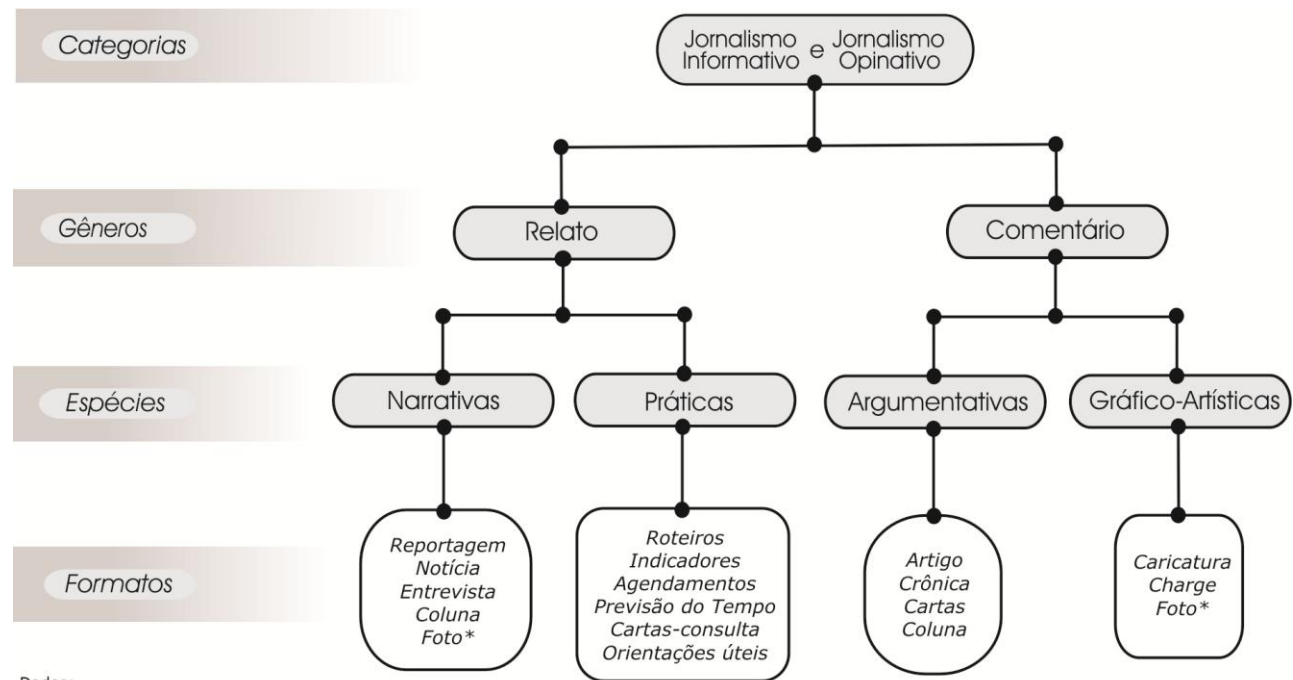
Para o gênero COMENTÁRIO correspondem

[Espécies Argumentativas](#)
[Espécies Gráfico-Artísticas.](#)

Por fim, a proposta lançada por Chaparro gera a seguinte grade classificatória:

(*) Em conversa com o autor, este me identificou dois formatos com vocação híbrida: a *Coluna* e a *Foto*, que servem com igual aptidão ao *Relato* e ao *Comentário*.

A forma *Coluna* já se encontra incluída no atual quadro e a forma *Foto* deverá ser incluída em uma próxima edição classificatória.



Dados:
CHAPARRO; 2000:p 122

Lay-out:
Jorge Arbach